

11-08-2026

O CINEMA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Eu tenho 17 anos. Magro, muito magro. Sou uma pessoa assustada com inclinação à poética. A minha identidade é simples e reveladora: sou trabalhador, moro em Trindade-GO. Gosto de jogar bola. Nos campinhos de terra nua, eu me alegro, sou conhecido e reconhecido. Faço amigos com os quais se fala de futebol regional e nacional. Se fala também das jogadas que efetivamos.

Hoje vou ao cinema. No devido tempo, entro no banheiro para o banho funcional. Ir ao cinema é o maior evento cultural da minha vida e de outros jovens da velha Trindade. E porque vou ao cinema, o meu peito se enche de expectativa. A minha imaginação, em câmera lenta, cria, antes do filme do cinema, o filme da expectativa. Há amor em mim. Cinematográfico.

Desço a rua em diligentes passos. As luzes dos postes de aroeira são foscas, de um amarelo blasé quase dormindo, quase correndo para a cor laranja. Filetes de luzes brilhantes, esparsos, saem dos postes atraindo insetos em torno das lâmpadas. Gravitando ao redor delas, os insetos formam um heliocentrismo noturno. Ficam eles girando como se estivessem diante do sol. A cena é bonita. Apenas bonita, não é capaz de provocar interrogações. É o que é.

Na praça da velha matriz, onde se localiza o Cine Teatro Mara, no rito costumeiro, procuro um amigo que, como eu, antecipa o horário do filme para pracear, andar lento para ver as moças, para gastar o tempo. Há jovens com roupas coloridas, homens e mulheres, mães com filhos esgarranchados na cintura, pessoas adultas e idosas saindo da missa das 18h00; o vendedor de pipoca, Seu Jerônimo, com sorriso de amor, conhecido de todos, me pergunta se vou ao cinema. O assentimento à pergunta não necessita de resposta. A noite é juvenil. A temperatura é acolhedora. Rostos praceiam com alegria noturna, jovens continuam andando entre os canteiros de flores íntimas dos meus olhos. Uma lâmpada, esbaforida, brinca de acende-apaga. Na calçada dos passeios a sombra tremeluz dança como um bêbado apaixonado por Madalena. Uma criança arregala os olhos. Vê a sombra se mesclar ao piscar intermitente da luz. Quer entender - e não sabe perguntar.

Estou sentado movido de expectativa de poder ir à portaria e comprar o ingresso para entrar no cinema. Imagino algo: no filme que logo verei haverá dramas, beijos, um cavalo mágico, um moço valente com cara ferrosa; e uma menina assoviando para um pássaro. A música, qual será? Hoje, olhando daqui para me ver lá, posso lhes dizer que o cinema da minha adolescência possui nomes adequados: sonho, esperança, amor, amizade.

Volto à praça da matriz. Um amigo chega com cabelos molhados. Seus passos são rápidos e a tez, levantada. Ele está vestido numa calça jeans e numa camiseta branca. Grita o meu nome ainda distante. Se alegra em me ver, a mesma alegria que tenho ao ouvir o seu grito. O entusiasmo de sua chegada e a eloquência de seus passos rápidos em minha direção, atraem outras pessoas, outros jogadores de pelada.

Ele senta e dá as cartas da conversa. O ritmo da voz é rápido, os gestos são frenéticos e decididos. Os pés se mexem quando fala para as sobranceiras levantarem voos. As mãos tocam os próprios cabelos lisos que insistem em cair na testa retangular. Diz que trabalhou muito. É chamado “o butineiro”. Com o pai, o dia inteiro, fabrica botinas domésticas e rudes. Vende-as na própria oficina, na feira e nos eventos festivos.

Sonha em ser jogador de futebol. É torcedor do Atlético Goianiense. Não gosta de estudar, mas gosta dos campeonatos interclasses forjados na escola pública. No campo, por ser canhoto, é sempre escalado na ponta esquerda. Todavia, por razão da alma, cai para o meio na diagonal. Chuta rasteiro procurando os ângulos inferiores da trave. É rápido e não prende a bola. Magro, mexe no campo como os insetos das luzes foscas.

Chega o momento de entrar no cinema. Vamos juntos, eu, ele e outros amigos arrebanhados no praceamento. Deusditi é o porteiro do cinema. Gosta de futebol. Facilita as coisas. Mesmo o filme sendo proibido para menores de dezoito anos, abre a porta sem conferir a identidade. Entramos no enorme salão do Cine Teatro Mara. Expectativa. **Eu, ele e os amigos sabemos que, antes do filme ser exibido, haverá o canal 100, um cinejornal criado por Carlos Niemeyer em 1959 e exibido até 1986. As imagens dos jogadores em câmera lenta, a narração apoteótica, a câmera buscando a grama cortada pelas chuteiras, o riso do torcedor da arquibancada, a trilha sonora proporcional ao tipo de jogada, os ângulos oblíquos da câmera, os braços valentes do jogador, o chute fatal... Tudo é mágico, mirabolante e cheio de fantasia. Em silêncio comovido, a minha vontade e a dele de sermos jogadores profissionais de futebol, são regadas com balde de profundo encanto. Naquele momento, nos colocamos no lugar dos jogadores filmados no canal 100. Éramos nós que estávamos em campo nas cenas que antecipam o filme. Estávamos misturados com Jairzinho, Pintinho, Doval, Roberto Dinamite, Dé, Zico. As luzes se apagam. O filme começa. Xistê, o meu amigo, o butineiro, o lépido jogador de peladas de Trindade-GO, se organiza na poltrona de madeira. Arremete-se em silêncio. O filme começa e acaba, como a carne das pessoas. Não a memória. Não o amor. Este continua jogando pelada.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog, dos participantes do Fórum Intersindical e do Grupo de Estudos MultiVisat. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.